

Missa Crismal

Catedral 28 de Março de 2013

A arte de celebrar – celebrar com arte

Caríssimos Irmãos: Bispo, Presbíteros, Diáconos, Religiosas, Seminaristas, Acólitos, Crismandos, Ministros Extraordinários da Comunhão e todos vós cristãos Leigos

O pão que sacia a fome nos é dado como corpo de Cristo, o vinho que alegra o coração do homem é derramado para a remissão dos nossos pecados e o azeite que faz brilhar o rosto que é para nós beleza e força no caminho da fé – são símbolos da única unidade em Cristo.

Caríssimos Presbíteros, meus condiscípulos. Sim, porque todos discípulos do único e verdadeiro Bispo, Jesus Cristo. Pela imposição das mãos de D. Abílio Augusto Vaz das Neves, de D. Manuel de Jesus Pereira, de D. António José Rafael, de D. António Montes Moreira, recebemos o dom e o mistério do sacerdócio. Nas mãos deles prometemos a obediência na fé. Por isso, hoje, voltamos à fonte do mistério do nosso ministério. Na catedral, *Domus Ecclesiae* – a casa da Igreja, fazemos memória do mistério recebido e do mistério que somos em presbitério e hoje somos a autêntica manifestação da Igreja local nos vários ministérios e carismas.

1. Hoje gostaria de refletir convosco a arte de rezar e de celebrar

Antes de mais, a arte de celebrar consiste em celebrar com arte, conscientes que a liturgia é a primeira escola da fé, a «catequese universal do povo de Deus» (CEP 1984).

A beleza de Cristo manifesta-se na beleza da liturgia. Se a liturgia é «o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo» (SC 7), isto indica que toda a ação litúrgica está centrada na figura de Cristo, e deste modo manifesta e irradia beleza por si mesma.

Na exortação pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, Bento XVI apontava para «a necessidade de superar toda e qualquer separação entre a arte da celebração (*ars celebrandi*, isto é, a arte de celebrar retamente) e a participação plena, ativa e frutuosa de todos os fiéis: com efeito, o primeiro modo de favorecer a participação do povo de Deus no rito sagrado é a condigna celebração do mesmo. A arte da celebração é a melhor condição para a participação ativa (*actuosa participatio*). Aquela resulta da fiel

obediência às normas litúrgicas na sua integridade, pois é precisamente este modo de celebrar que, há dois mil anos, garante a vida de fé de todos os crentes, chamados a viver a celebração enquanto povo de Deus, sacerdócio real, nação santa (*1 Pd 2, 4-5.9*» (n. 38).

Igualmente importante para uma correta arte da celebração é o respeito pelos livros litúrgicos e pela riqueza dos sinais e a atenção a todas as formas de linguagem previstas pela liturgia: palavra e canto, gestos e silêncios, movimento do corpo, cores litúrgicas dos paramentos. Com efeito, a liturgia, por sua natureza, possui uma tal variedade de níveis de comunicação que lhe permitem cativar o ser humano na sua totalidade. A simplicidade dos gestos e a sobriedade dos sinais, situados na ordem e nos momentos previstos, comunicam e cativam mais do que o artificialismo de adições inoportunas. A atenção e a obediência à estrutura própria do rito, ao mesmo tempo que exprimem a consciência do carácter de dom da Eucaristia, manifestam a vontade que o ministro tem de acolher, com dócil gratidão, esse dom inefável.

Uma componente importante da arte sacra (a arte ao serviço da celebração) é, sem dúvida, a *arquitetura* das igrejas, nas quais há-de sobressair a coerência entre os elementos próprios do presbitério: altar, ambão, cruz, sacrário, cadeira. A este respeito, tenha-se presente que a finalidade da arquitetura sacra é oferecer à Igreja que celebra os mistérios de fé, especialmente a Eucaristia, o espaço mais idóneo para uma condigna realização da sua ação litúrgica; de facto, a natureza do templo cristão define-se precisamente pela ação litúrgica, a qual implica a reunião dos fiéis (*ecclesia*), que são as pedras vivas do templo (*1 Pd 2, 5*).

O mesmo princípio vale para toda a arte sacra em geral, especialmente para a pintura e a escultura, devendo a iconografia religiosa ser orientada para a mistagogia sacramental. Por tudo isto, é indispensável que, na formação dos seminaristas e dos sacerdotes, se inclua, entre as disciplinas importantes, a História da Arte (arte sacra e bens culturais) com especial referência aos edifícios de culto à luz das normas litúrgicas. Enfim, é necessário que, em tudo quanto tenha a ver com a Eucaristia, haja gosto pela beleza; dever-se-á ter respeito e cuidado também pelos paramentos, as alfaias, os vasos sagrados, para que, interligados de forma orgânica e ordenada, alimentem o enlevo pelo mistério de Deus, manifestem a unidade da fé e reforcem a devoção.

Na arte da celebração, ocupa lugar de destaque o canto litúrgico, a limpeza das igrejas, as imagens, o respeito pelas normas estabelecidas que revelam o grande depósito da fé da Igreja.

A beleza de Cristo confirmada na nossa liturgia torna-se pois expressão da beleza escatológica, isto é, da nossa participação à liturgia celeste. Uma vez que sabemos que «na liturgia terrena nós participamos, pregustando-a, áquela celeste, que é celebrada na santa cidade de Jerusalém, para a qual tendemos como peregrinos, onde Cristo está sentado à direita de Deus, qual ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo» (SC 8), então nós na celebração litúrgica nos associamos à alegria eterna dos santos que cantam incessantemente o *Sanctus, sanctus, sanctus...*

Sem o nosso ministerio também a liturgia não existia. É o que rezamos na Oração Eucarística II: «Vos damos graças porque nos admitistes a vossa presença para Vos servir nestes santos mistérios». Santo Inácio de Antioquia escreveu aos Efésios: «Ninguém se engane: quem não está no recinto do altar fica privado do pão de Deus. Se a oração de um ou dois tem tanta força, quanto mais não terá a do bispo com toda a Igreja?»

O novo modelo conduziu toda a Igreja a passar do assistir ao participar e depois do participar ao celebrar. A ativa participação comporta por isso uma nova “ars celebrandi”.

E perguntamos: a liturgia é vivida como a primeira e fundamental escola da fé e experiência de oração?

2. O Hoje da liturgia

O Evangelho desta liturgia apresenta-nos a inauguração do ministério público de Jesus narrado por Lucas através do discurso programático onde vem explicitamente o conteúdo do Reino de Deus: o hoje da salvação, o cumprimento das escrituras e a centralidade de Cristo.

O consagrado e o enviado pelo Espírito Santo é o próprio Jesus Cristo. O hoje na Escritura e na Liturgia é a imortal novidade de Jesus, indicando também que os últimos tempos já se iniciaram e desde que Deus habitou o tempo começou um dia que não tem ocaso. O jubileu não é mais uma comemoração de 100, 50 anos..., mas é um *hoje*.

Nós que fomos chamados, consagrados, ungidos e sempre enviados, renovemos o coração para o dom sempre novo e sejamos dom inestimável no presbitério e para quem servimos na comunhão e na missão que nascem do mistério celebrado na liturgia. Precisamos de o repetir muitas vezes para ser cada vez mais verdade na vida de cada um de nós: Presidir em nome de Cristo e em nome da Igreja significa SERVIR. Bem

sabemos que cresce o peso do nosso ministério pela diminuição do número dos presbíteros, pelo desgaste dos anos e do trabalho, mas não vos canseis de servir em todo o coração e a tempo inteiro o povo de Deus que vos é confiado. Olhai que, se as estruturas são importantes (e temos tantas, até de mais), as pessoas são decisivas. Igreja que dizes de ti mesma? Presbitério, que dizes de ti mesmo?

O presbitério não é a soma dos presbíteros de uma Diocese. Não são os presbíteros que fazem o presbitério, é o presbitério que faz os presbíteros. Nós nascemos do mistério de Cristo mesmo. Antes de mais a comunhão e depois a missão. Cultivemos a caridade fraterna e pastoral no nosso presbitério!

Caríssimos Diáconos, Religiosas, Seminaristas, Acólitos, Crismandos, Ministros Extraordinários da Comunhão e todos os cristãos Leigos, rezai por nós, o Presbitério, e conosco sede servidores da única Eucaristia e do único Evangelho da Esperança.

+ José Cordeiro